

Monteiro Lobato e suas fases

Regina Zilberman

Nascido em 1882, Monteiro Lobato faleceu, com 66 anos, em 1948, tendo acompanhado, ao longo de sua vida adulta, os principais acontecimentos da primeira metade do século XX brasileiro. Seus primeiros feitos notáveis datam de 1914, quando publicou, no jornal *O Estado de São Paulo*, “Velha praga”, artigo em que critica o comportamento predador do caipira brasileiro, rompendo com uma tradição de idealização da vida rural, desde o Romantismo tão arraigada na cultura brasileira. Desse tempo em diante, o escritor, natural de Taubaté, tornou-se uma figura pública, escritor de sucesso e empreendedor original, de modo que sua biografia e sua obra transformaram-se, de certo modo, na síntese das opções que o Brasil oferece a seus artistas e intelectuais, bem como aos empresários nacionalistas associados não apenas à área da cultura, mas também às da economia e da política.

A “Velha praga”, publicado em 12 de novembro de 1914, segue-se, em 23 de dezembro do mesmo ano, “Urupês”, outro artigo contundente lançado no mesmo jornal, com o fito de levar adiante o debate sobre a depredação do meio-ambiente, desencadeada pela atitude predatória do caipira paulista. No primeiro texto, Lobato denuncia as queimadas, modo fácil, porém, prejudicial, de ocupar a terra a ser lavrada; em “Urupês”, vale-se da imagem do parasita para caracterizar a indolência, a preguiça e a falta de iniciativa da população associada à vida agrícola, especialmente nas regiões antigamente pujantes, mas ao tempo de Lobato decadentes, após o apogeu do cultivo do café. É quando ele cria sua primeira grande personagem, com a qual se celebrizará ainda nas primeiras décadas do século XX, o Jeca Tatu, citado no parágrafo final de “Velha praga”:

Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar fica a tapera e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jeca Tatu ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha. (Lobato, 1947, p. 240)

Em “Urupês”, provavelmente já ciente do sucesso de sua primeira incursão no tema, Lobato investe com mais segurança na definição da per-

sonagem que corporifica o caboclo, segundo ele, responsável por muitos dos males da agricultura brasileira do período. O texto chama a atenção, primeiramente, para a idealização do “caboclo”, espécie de “Ai Jesus! nacional” (Lobato, 1947a, p. 243), segundo suas palavras, em decorrência do “caboclismo”, vertente sucessora do Indianismo na trajetória da cultura nacional. À desconstrução do mito por intermédio do sarcasmo com que trata os defensores da corrente regionalista, segue-se a caracterização do Jeca Tatu, doravante marca registrada de Monteiro Lobato e da vida brasileira:

O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferroada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida Jeca, antes de agir, acocora-se. Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie. (id., p. 244)

Os dois textos, oriundos de *O Estado de São Paulo*, são reeditados em *Urupês*, de 1918, livro com que, de certo modo, Lobato estreia na literatura brasileira. Antes dessa obra, ele tinha publicado crônicas e ficção apenas na imprensa ou em periódicos, como a *Revista do Brasil*, assim como tinha lançado *O Saci-Pererê*: Resultado de um inquérito, obra, contudo, de edição limitada, patrocinada, mais uma vez, por *O Estado de São Paulo*. *Urupês*, contudo, não é um livro de primícias literárias: Lobato, em 1918, somava mais de 35 anos e já passara por algumas profissões, como as de cartunista, na juventude, de promotor, em decorrência de seu título de bacharel em Direito, e de fazendeiro, por ter herdado, do avô, terras no interior de São Paulo.

Ao contrário do fazendeiro, que acabou por vender o legado para comprar a *Revista do Brasil*, iniciativa que dá início à sua carreira de editor, o escritor é bem sucedido: *Urupês* é um *best seller*, o que leva Lobato a acreditar que o negócio dos livros era talhado para ele. Por sua vez, ciente de que seu êxito estava associado à personagem que criara, o escritor de certo modo incorpora a figura, com a qual assina *Ideias de Jeca Tatu*, de 1919, obra em que, na sequência de *Problema vital*, de 1918, discute questões relativas à saúde pública e à vida política brasileira em geral.

Um ano depois, em 1920, Lobato começa a mudar o rumo de sua literatura, ao publicar, por ocasião do Natal, *A menina do narizinho arrebitado*, livro de produção gráfica qualificada, com capa ilustrada e cartonada, e texto acompanhado pelos desenhos coloridos de Voltolino (1884-1926). Poder-se-ia dizer que, com o começo da nova década, encerrava-se a “fase Jeca Tatu” de Monteiro Lobato. Contudo, não se pode esquecer de que,

além de editar, em 1919, os contos de *Cidades mortas*, e, em 1920, os de *Negrinha*, e de reimprimir em várias e diferentes edições o blockbuster *Urupês*, o escritor ainda lançou, ao longo dos anos de 1920, *Mundo da lua* (1923), *A onda verde* (1921), *O macaco que se fez homem* (1923), *O choque das raças*, intitulado depois *O presidente negro* (1926), e *Mister Slang e o Brasil* (1927).

Por sua vez, a “fase Jeca Tatu” ainda renderia muitos frutos nesse período. O sucesso da personagem – ou, pelo menos, das qualidades de um tipo de ser humano, qualidades sintetizadas em seu nome – fizera com que Lobato identificasse parte de sua produção literária com aquela figura paradigmática. Mas os dividendos foram maiores, quando o escritor resolveu, em 1924, torná-la protagonista da narrativa *Jeca Tatuzinho*, que relata a mutação do caboclo indolente em um exitoso empreendedor rural graças à identificação da doença de que era acometido: anquilostomíase ou amarelão. Acusado o mal por um médico de passagem pela fazenda de Jeca, e receitada a medicação adequada, bem como aconselhado o uso de calçados, o caboclo e sua família transformam-se completamente, a ponto de tornarem-se exemplo a ser copiado pelos homens do campo.

Talvez o texto sucumbisse ao esquecimento, não fosse ele adquirido pelo Laboratório Fontoura, produtor do Biotônico Fontoura, que, nas versões subsequentes do conto, passa a ser o remédio que cura as doenças da família dos caipiras tomados pela verminose¹.

A história passou a circular em folheto independente e fartamente ilustrado, distribuído pelo patrocinador por todo o país (teria alcançado, até 1960, a tiragem de dezoito milhões de exemplares). Monteiro Lobato, que já se destacara na imprensa por suas ideias progressistas, e paulatinamente se projetava graças à sua ação editorial, convertia-se, a partir de 1935, em nome conhecido, público e prestigiado. Jeca Tatu, ícone do atraso e do anacronismo nacional, metamorfoseava seu criador em celebridade midiática, situação que acompanhou sua existência por algumas décadas.

A “fase Sítio do Picapau Amarelo” poderia, de um lado, ser considerada a continuação do período “Jeca Tatu”, já que a ação se passa no mesmo universo rural paulista motivado pela fazenda Buquira da infância de Lobato e que ele, adulto, herdou e, depois, vendeu. Há, por outro, diferenças radicais entre os dois mundos: Dona Benta, que compartilha com seu criador o nome², é uma administradora sábia, que confere ampla liberdade aos netos Pedrinho e Narizinho e que, mesmo quando se sur-

¹ No endereço http://www.miniweb.com.br/Literatura/artigos/jeca_tatu_historia4.html (acessado em 10 de janeiro de 2010), encontra-se reproduzido um anúncio em que o remédio receitado ao Jeca ainda porta o nome de Ankilostomina Fontoura. Ver ao final deste ensaio.

² Monteiro Lobato foi batizado com o nome de José Renato, chamando-se seu pai José Bento

preende com as inovações ou provocações de Emília, respeita as opiniões da boneca de pano, com a qual mantém discussões em pé de igualdade.

Por sua vez, é preciso acompanhar a trajetória dos moradores do Sítio para perceber que nem sempre foi assim. Quando Lobato publicou, no final de 1920, *A menina do narizinho arrebitado*, a figura principal era a personagem apontada pelo título, que vivera uma aventura de ordem imaginária, no Reino das Águas Claras, equiparável ao universo maravilhoso dos contos de fadas europeus ou das modernas narrativas dirigidas ao público infantil, algumas em circulação no Brasil, como *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898), *O mágico de Oz*, de Frank Baum (1856-1919), ou *Peter Pan*, de James M. Barrie (1860-1937), todas protagonizadas por garotas que, por certo período de tempo, libertavam-se de seu contexto cotidiano e realista para mergulhar em outro ambiente, pautado quase que exclusivamente por seres e comportamentos administrados pela fantasia.

Tanto quanto Jeca Tatu, Narizinho deu certo. Mas as vendas provocadas pelo livro dirigido ao público infantil não foram apenas espontâneas, mas também induzidas: em 1921, *Narizinho Arrebitado*, livro formado por *A menina do narizinho arrebitado* e mais algumas histórias inéditas, somando uma obra de 181 páginas, foi adotado pela rede escolar paulista. Foram impressos cinquenta mil exemplares, adquiridos e distribuídos pelo Governo do Estado de São Paulo³.

O segundo grande passo editorial de Monteiro Lobato, portanto, associa-o ao Estado e, por tabela, à escola, parceria que se repete em 1922, quando são lançados *O marquês de Rabicó* e *Fábulas*, escritos igualmente aprovados pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo para uso didático. Ciente de que seus livros eram favoravelmente acolhidos pelas crianças, o escritor começou a produzi-los com regularidade anual, conferindo estabilidade ao espaço da ação de suas histórias – o sítio do Picapau Amarelo – e ao elenco de suas personagens: os adultos Dona Benta e Tia Nastácia, as crianças Pedrinho e Narizinho, e os bonecos falantes e, cada um a seu modo, sábios Emília e Visconde de Sabugosa. Assim, lança em 1924 *A caçada da onça*, além de *O garimpeiro do Rio das Garças* (narrativa que só veio a ser republicada quando o autor organizou o volume de *Histórias diversas*), em 1928, *O noivado de Narizinho*, *O Gato Félix*, *Aven-*

Marcondes Lobato. Teria mudado um dos prenomes, ao receber do pai uma bengala onde estavam gravadas as iniciais J.B.M.L. (Lajolo, 2000, p. 12).

³ Conforme Francisco de Assis Barbosa (1982, p. 51), a tiragem somou sessenta mil exemplares, “segundo os arquivos da gráfica”.

turas do príncipe e *A Cara de Coruja*, em 1929, *O irmão de Pinocchio* e *O circo de escavalinho*, em 1930, *A pena de papagaio* e, em 1931, *O pó de pirlimpimpim*. (Merz, 1996).

Lobato não perde de vista, porém, a importância das adaptações, processo que, desde seu aparecimento, enquanto gênero literário, garantiu à literatura infantil farto acervo de obras para leitura. Assim, em 1927, apresenta a primeira versão de *As aventuras de Hans Staden*, cujo subtítulo indicava seu destino: adaptação para o público infantil de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. De 1930 data a adaptação de *Peter Pan*, apropriando-se, nesse caso, de uma narrativa cujos direitos autorais ainda vigoravam, já que seu criador, o britânico James M. Barrie, ainda vivia. As adaptações, por sua vez, revelar-se-ão rico filão literário, procedendo Lobato a um modo original de elaborá-las: consciente da popularidade do sítio e de seus habitantes, o escritor faz com que Dona Benta leia para seus netos narrativas famosas, porém, a seu jeito, conforme comenta o narrador em um de seus livros:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. (Lobato, 1956, p. 199)

Se a “fase do Sítio do Picapau Amarelo” ocupou Monteiro Lobato a partir da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de 1920, até sua morte, em 1948, ela não foi sempre idêntica. Em sua primeira década, o escritor apostou em livros contendo uma única história protagonizada pelos moradores do Sítio, ocorrida de preferência nas terras de Dona Benta, visitadas por personagens vindas do exterior, fosse do mundo da fábula (figuras extraídas de *Contos da Carochinha*, que Figueiredo Pimentel – 1869-1914 – popularizara), da moderna literatura infantil, como Pinóquio, herói do livro de C. Collodi (1826-1890), ou dos emergentes meios de comunicação de massa, como os hollywoodianos Gato Félix, herói de *comics* e *cartoons*, Tom Mix (1880-1940) e Shirley Temple (1928)

Na segunda década, porém, o escritor mudou de tática: dedicou-se à produção de livros com histórias variadas, ligadas pelo fio das personagens, que passam de uma aventura a outra. A primeira experiência, ele a faz com seus próprios textos: em 1931, reúne as narrativas publicadas na década anterior e lança *Reinações de Narizinho*, onde se encontram não

apenas os já então legendários Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde de Sabugosa, mas também figuras de aparecimento esporádico, como o Peninha.

O livro é outro marco na história da literatura brasileira, e mesmo a seu tempo provocou reações controversas. Cecília Meireles (1901-1964), por exemplo, rejeita o tipo de atitude que as personagens de Lobato adotam, criticando as crianças que elas representam. A poeta e educadora expressa sua opinião em correspondência dirigida a Fernando de Azevedo (1894-1974):

Recebi os livros de Lobato⁴. Preciso saber o endereço dele para lhe agradecer diretamente. Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo quanto há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus livros podem divertir (tenho reparado que divertem mais os adultos que as crianças) mas acho que deseducam muito. É uma pena. (...) Por nenhuma fortuna do mundo eu assinaria um livro como os do Lobato, embora não deixe de os achar interessantes. (Meireles, 1996, p. 229)

Clarice Lispector (1920-1977), por sua vez, tem opinião oposta, como se lê em sua crônica “Tortura e glória”, de 2 de setembro de 1967, que, em 1971, é publicada como conto, com o título de “Felicidade clandestina”, no livro de mesmo nome⁵. Neste texto, a narradora relembra um episódio da infância, protagonizado por ela, cuja família experimentava grandes dificuldades financeiras, e uma colega, filha do proprietário de uma livraria, que acabara de receber “As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato”. Conforme comenta a narradora, “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.” (Lispector, 1998, p. 10)

⁴ Por que Monteiro Lobato enviaria um exemplar de seus livros a Cecília Meireles? A escritora assinava desde 1930 a “Página da Educação”, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em que discutia temas pedagógicos segundo a ótica da Escola Nova, tendência emergente desde os anos 20, propalada por teóricos como Anísio Teixeira (1900-1971) e Fernando de Azevedo. Monteiro Lobato era amigo de Anísio Teixeira desde a época em que residira nos Estados Unidos, ao final dos anos 1920, podendo-se então cogitar que o pedagogo tivesse sugerido ao autor de *Reinações de Narizinho* o encaminhamento da obra a Cecília Meireles, a quem confiaria a pesquisa sobre “Leituras infantis”, realizada em 1931 (em que constata a predileção das crianças por A menina do narizinho arrebitado). Se essas hipóteses são válidas, elas mais uma vez indicam o grande interesse de Monteiro Lobato em ver-se aceito por educadores, bem como em assistir à sua validação pelas instituições escolares e professores. A respeito da atuação de Cecília Meireles no campo da educação. (Neves, 2001)

⁵ Na condição de crônica, o texto aparece igualmente em *A descoberta do mundo*, de 1984.

Tanto quanto Cecília Meireles, Clarice Lispector deve ter-se deparado com as primeiras edições dos volumes de Lobato, pois relembra o livro com o título – *As reinações de Narizinho* – que portou ao longo dos anos de 1930, tendo-se transformado em *Reinações de Narizinho*, sem o artigo definido feminino plural, apenas em 1947, quando o escritor organizou sua obra completa.

Não é apenas em “Felicidade clandestina” (ou, antes, em “Tortura e glória”) que a escritora apresenta esse episódio de sua adolescência. Em crônica datada de 24 de fevereiro de 1973, ela retoma aquele acontecimento, resumindo-o e, ao mesmo tempo, assegurando sua preferência por Monteiro Lobato:

Tive várias vidas. Em outra de minhas vidas, o meu livro sagrado foi emprestado porque era muito caro: *Reinações de Narizinho*. Já contei o sacrifício de humilhações e perseveranças pelo qual passei, pois, já pronta para ler Monteiro Lobato, o livro grosso pertencia a uma menina cujo pai tinha uma livraria. A menina gorda e muito sardenta se vingara tornando-se sádica e, ao descobrir o que valeria para mim ler aquele livro, fez um jogo de “amanhã venha em casa que eu empresto”. Quando eu ia, com o coração literalmente batendo de alegria, ela me dizia: “Hoje não posso emprestar, venha amanhã.” Depois de cerca de um mês de venha amanhã, o que eu, embora altiva que era, recebia com humildade para que a menina não me cortasse de vez a esperança, a mãe daquele primeiro monstinho de minha vida notou o que se passava e, um pouco horrorizada com a própria filha, deu-lhe ordens para que naquele mesmo momento me fosse emprestado o livro. Não o li de uma vez: li aos poucos, algumas páginas de cada vez para não gastar. Acho que foi o livro que me deu mais alegrias naquela vida. (Lispector, 1999, p. 452)

Lobato, portanto, continuava polêmico; porém, era lido em livros que eram consumidos independentemente de sua aprovação pelas instituições escolares que haviam distribuído largamente suas primeiras experiências com literatura infantil. Por sua vez, mesmo quando se dissociou do aparelho estatal vinculado ao ensino, procurou manter um relacionamento seguro com a educação, caracterizado pela abordagem de assuntos disciplinares na maioria das histórias redigidas ao longo da década de 1930.

Assim, de modo indireto, como em *Viagem ao céu*, de 1932, que aborda questões relativas à astronomia, ou, diretamente, como em *História do mundo para crianças*, de 1933, *Emília no país da gramática*, de 1934, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta* e *História das invenções*, de 1935, O

poço do Visconde e *Serões de Dona Benta*, de 1937, os títulos das narrativas dirigidas ao público infantil, de autoria de Monteiro Lobato, configuram um currículo de disciplinas provavelmente adaptável aos moldes como se organizava o ensino brasileiro nos anos 1930, quando passava por transformações dignas de nota. Por outro lado, ainda que adequado ao ensino primário e secundário, que então se estruturava, pode-se perceber que Monteiro Lobato não deixou de manifestar suas próprias posições pedagógicas e intelectuais, caracterizadas, de uma parte, pela ênfase na ciência (Astronomia, Aritmética, Geologia e Ciências Naturais), de outro, pelo teor transgressivo, expresso no modo como se posiciona diante da Gramática e da História, nos volumes dedicados a esses temas.

Se, desde sua “fase Jeca Tatu”, o escritor já manifestava seu inconformismo diante de hábitos consolidados na vida brasileira, é na década de 30 que esse comportamento se agudiza, aspecto verificável em sua biografia e em sua obra. Frise-se que a época não era muito apropriada para atitudes que desafiavam o autoritarismo e o *status quo*: na combalida Europa do pós-guerra e, especialmente, depois da crise econômica decorrente da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, governos democráticos eram derrubados e substituídos por regimes ou autoritários, como acontece na Itália, na Espanha e em Portugal, ou francamente totalitários, como na Alemanha e na União Soviética. O Brasil não ficou atrás: o movimento conhecido como Revolução de 30 permitiu a Getúlio Vargas (1882-1954) tomar o poder, que conservou de modo ditatorial até 1945. Se, nos primeiros anos, o presidente flertou com a Constituição, prometendo eleições para os cargos executivos do Estado, após 1935, e principalmente depois de 1937, seu governo endureceu, perseguindo adversários políticos, implantando a censura e centralizando os veículos de comunicação de massa e de propaganda.

Monteiro Lobato, ao contrário de muitos artistas e intelectuais, não buscou um cargo no governo, nem se exilou no Exterior. Além disso, não abriu mão de sua veia satírica e mordaz, que aparece, por exemplo, na crítica à burocracia, em *Caçadas de Pedrinho*, de 1933, livro que, partindo do já então publicado *A caçada da onça*, de 1924, permite a Lobato divertir seus leitores com a paródia do comportamento indolente e ineficaz dos serviços prestados pela administração pública nacional. Nesse período, *Memórias da Emília* é provavelmente seu livro mais transgressor, desde as atitudes da boneca, agora autora, que duvida, já nas primeiras linhas da narrativa, da veracidade do gênero autobiográfico que escolhe, até a exposição, de modo original, de seus conceitos, como o que explica para Dona Benta o que entende por verdade: “Verdade é uma espécie de men-

tira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.” (Lobato, 1956a, p. 5) É no mesmo livro que Emília se proclama “a Independência ou Morte!” (Lobato, op. cit., p. 115), divisa que facilmente poderia ser transferida para seu criador.

Data do mesmo ano das *Memórias da Emília* o lançamento de outro dos livros polêmicos de Monteiro Lobato: *O escândalo do petróleo*, obra que confere visibilidade pública à sua campanha em prol da exploração do cobiçado ouro negro em solo brasileiro. No ano seguinte, o assunto migra para a literatura infantil, fazendo de *O poço do Visconde* o livro mais programático de seu autor. E, se Getúlio Vargas não escutou o apelo de Lobato, acabando por fazê-lo vítima da Lei de Segurança Nacional, o que o levou à prisão em 1941, Dona Benta deu ouvidos às crianças e bonecos, transformando o sítio em uma região extremamente próspera e a ela mesma em rica proprietária de terras.

Talvez se possa dizer que a terceira etapa da “fase Sítio do Picapau Amarelo” começa a partir de *O poço do Visconde*, já que não havia como retornar à situação anterior no que diz respeito à condição das terras de Dona Benta e de seus moradores. É certo que, de um livro para outro, Lobato incorpora personagens e eventos dos volumes anteriores. Assim, o anjinho, de *Viagem ao céu*, permanece no Sítio até *Memórias da Emília*, não retornando em narrativas posteriores. O rinoceronte Quindim, adotado pelo grupo em *Caçadas de Pedrinho*, acompanha as histórias subsequentes, o mesmo ocorrendo com o burro Conselheiro, introduzido em *Reinações de Narizinho*.

Contudo, a partir de *O poço do Visconde*, o *status* da população do sítio é outro: são ricos e famosos, assediados por aqueles que precisam de seu auxílio ou desejam explorá-los. Por outro lado, a situação política brasileira e internacional piorou ao alcançar o final dos anos 30: o Estado brasileiro assumiu definitivamente perfil autoritário, a Europa viu-se dominada pelo nazismo e pelo fascismo, deu-se a anexação da Áustria e a ocupação da Tchecoslováquia pela Alemanha de Adolf Hitler (1889-1945). A invasão da Polônia pelas tropas do Reich formaliza o início da guerra entre a Alemanha e sua aliada Itália, de um lado, e, de outro, as remanescentes democracias europeias, representadas pela França e Inglaterra.

Resta a Lobato formular ficcionalmente suas utopias, expressas nas obras que representam essa última etapa de sua fase literária. Em *O Picapau Amarelo*, de 1939, apresenta-se o sítio como o espaço imaginário onde todos são acolhidos sem qualquer discriminação e onde reina a democracia igualitária presidida, de modo, digamos, parlamentarista, por Dona Benta. Em *O minotauro*, também de 1939, o escritor coloca a liberal Dona

Benta a filosofar sobre política, arte, cultura e democracia com um de seus fundadores, o ateniense Péricles (a.C. 495/492 a.C.-429 a.C.), celebrada figura histórica que servirá de contraponto à amarga situação dos brasileiros no período de produção do livro.

Similar contraposição entre o amargo presente, que, contudo, pode ser alterado, e a expressão de uma utopia futura, que tem no passado ateniense sua inspiração, pode ser encontrada em duas obras lançadas nos primeiros anos da década de 40. A primeira, *A chave do tamanho*, de 1942, redigida quando o confronto entre as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados (Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos) não permitia prever quem venceria a guerra, narra os desacertos provocados por Emília, quando a boneca resolve interferir nos acontecimentos bélicos. E se o livro relata episódios penosos, resultantes dos prejuízos sofridos pelas personagens, ele também expõe a perspectiva pacifista do autor, pautada pela aspiração de que os mais capacitados liderem as mudanças sociais e políticas consideradas essenciais por ele.

A segunda obra é formada pela publicação, em partes, de *Os doze trabalhos de Hércules*, em 1944. Outra vez, os habitantes do sítio – Pedrinho, Visconde e Emília – retornam no tempo e chegam à Grécia mitológica. De novo, atravessa a narrativa a ambição doutrinária de evidenciar ao leitor – que é criança ou adolescente – as virtudes da inteligência e da prática da democracia, a mesma que seria restaurada no Brasil do final do ano de 1945, na esteira da vitória dos exércitos aliados sobre os países adeptos de regimes autoritários e militaristas, como a Alemanha de Hitler, a Itália de Benito Mussolini (1883-1945) e o Japão do imperador Hirohito (1901-1989).

O Lobato do último livro dedicado ao público infantil talvez se distinga do escritor que, em meados da segunda década do século XX, criou o Jeca Tatu. Dificilmente esse teria algo em comum com o exemplar herói mítico, que, no imaginário helênico, representou a imposição da civilização sobre a barbárie, do intelecto sobre a força bruta, do indivíduo sobre a natureza.

Contudo, o Jeca era real, e Hércules, ideal. Para mediar esses extremos, Monteiro Lobato posiciona os pequenos heróis que são fruto de sua imaginação, mas que sintetizam sua aspiração de um Brasil melhor. Em particular, de um futuro mais promissor para seu país, já que aqueles pequenos heróis – assim como seus leitores, que se identificarão com eles – crescerão e tornar-se-ão os cidadãos de que a nação carecia.

Fase a fase, Monteiro Lobato modificou-se. Mas nunca deixou para trás a perspectiva militante que se anunciava no começo de sua trajetória.



Figura 5 – Almanaque do Biotônico, 1935, p. 4 (ilustração de J. U. Campos).

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis (1982). “Monteiro Lobato e o direito de sonhar”. In: LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. Ed. facsimilar. São Paulo: Metal Leve.
- LAJOLO, Marisa (2000). *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna.
- LISPECTOR, Clarice (1998). “Felicidade clandestina”. In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LISPECTOR, Clarice (1999). “O primeiro livro de cada uma de minhas vidas”. In: _____. *A descoberta do mundo*, Rio de Janeiro: Rocco.
- LOBATO, Monteiro (1947). “Velha praga”. In: _____. *Urupês*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, Monteiro (1947a). “Urupês”. In: _____. *Urupês*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, Monteiro (1956). *Reinações de Narizinho*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, Monteiro (1956a). *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense.
- MEIRELES, Cecília (1996). “Correspondência de 9 de novembro de 1932” [a Fernando de Azevedo]. In: LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record.
- MERZ, Hilda Junqueira Villela; BRANDÃO, Ana Lúcia de Oliveira; MANZANO, Sylvia; OBERG, Sílvia (1996). *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense.
- NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancia (Org.) (2001). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC Rio.

Anúncio

Fonte: http://www.miniweb.com.br/Literatura/artigos/jeca_tatu_historia4.html

Regina Zilberman _____

Recebido em junho de 2010.

Aprovado para publicação em julho de 2010.

resumo/abstract

Monteiro Lobato e suas fases

Regina Zilberman

Exame do conjunto da obra de Monteiro Lobato, considerando sua trajetória e modificações suscitadas pela condições de produção e recepção.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Jeca Tatu, literatura para crianças

Monteiro Lobato phases

Regina Zilberman

This study focuses on Monteiro Lobato's literary work, in order to understand his trajectory, as well as the changes caused by conditions of production and reception.

Key words: Monteiro Lobato, Jeca Tatu, Children's Literature

Regina Zilberman - "Monteiro Lobato e suas fases". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 141-152.